

~~Ed. 37, Pres. do Conselho Municipal.~~

~~Empres. Autoridades e Membros da Mesa.~~

~~Senhores e Senhores.~~

Serão as minhas primeiras palavras, de agradecimento ao Senhor Prefeito Municipal pelo honroso convite que me fez para relembrar aqui, neste ato de instalação do nosso Conselho do patrimônio ~~XXXXXXXXXX~~ cultural da cidade, fatos da história de Campinas, o que procuraremos fazer com brevidade:

Já na primeira metade do século, era Campinas de pujante progresso com sua indústria açucareira que se iniciou na última década do setecentismo, com tal exuberância que ultrapassou a sua maternal vila de Itu, e maternal a chamamos porque de lá nos veio o conhecimento e os primeiros iniciadores das atividades do açúcar que foram Filipe Neri Teixeira com engenho no local onde se inicia e estende o bairro urbano chamado Chácara da Barra; seu irmão Joaquim José Teixeira Nogueira fundador do engenho do Chapadão, hoje Fazenda Militar do Exército Brasileiro, e o ituano Antônio Ferraz de Campos na estrada para Moji Mirim, além da atual fazenda Monte d'Este, antiga Ponte Alta.

A vida açucareira de Campinas foi altamente lucrativa pela excelência de suas terras, mais produtivas que as de Itu, e Campinas revestiu-se logo de vida faustosa com grandes solares rurais onde residiam, em permanência, as famílias dos senhores de engenho com abastecimento integral produzido no próprio engenho, de gêneros alimentícios e seus complementos como frutas variadas para consumo "in Natura" ou preparo dos doces abundantes das mesas sempre fartas.

Os próprios tecidos comuns e de uso no trabalho, eram de produção ~~propria~~ ^{caseira} para o que se plantava o algodão fiado por mulheres e tecido por tecelão que vivia desta atividade; só se adquiria, vindo de fora, o sal e o ferro bruto para que as forjas dos engenhos fizessem os objetos de uso comum e peças para trabalho e até armas de defesa pessoal.

As sedes dos engenhos eram vastas, não pela necessi-

dade só das famílias proprietárias, mas de acordo com as posses do senhor do engenho, o que representava um atestado de poder econômico, permitindo acolher famílias amigas de convidados para as festas de casamentos e batizados, sempre nos salões do engenho cuja construção não dispensava sua capela geralmente interna, muitas vezes constituindo um altar embutido em parede do salão principal que se abria na realização de ato religioso.

É evidente que se importava da Europa o vestuário ~~em~~ luxoso da família do senhor do engenho, quando os homens usavam nas horas solenes, o seu calção fechado ~~fechado~~ logo abaixo do joelho com fivelas de ouro, casaca, ambos de pano fino de cor variada, sapatos rasos com fivelas de prata. Móveis finos adornavam os solares dos engenhos, muitos feitos pelos próprios escravos pois, após a escravatura inportada teve ela aqui na província de São Paulo, uma civilização incipiente com o conhecimento de trabalhos proficionais, desconhecidos de tribus africanas, principalmente os ferreiros, carpinteiros, correeiros e tecelões, e atividades das escravas nas cosinhas para os acepipes dos mais variados e preparados com esmero, nos trabalhos de agulha e serviços de casa faustosa; assim, sentiu-se um aprimorar das seguintes gerações de escravos nascidos no Brasil, havendo logo os casos de cativos mandados a ~~a~~ escolas para saber ler e escrever ou com professores na própria fazenda como fez o Barão de Anhumas e outros.

Mesmo com a riqueza do açúcar, não deixou o senhor de engenho de se interessar por uma nova cultura já florescente em regiãox da província, o café. Em 1804 esta planta com pequena produção figurava na estatística oficial da freguesia, atestando que as primeira mudas plantadas datam do final do setecentis. ^{mo} Como cultura em observação, o café se foi impondo entre alguns pioneiros, destacando-se entre eles o mais abastado proprietário de sua época, Antônio Manuel Teixeira que abriu sua fazenda Santa Maria para logo contar com mais de trinta mil pés de café, na zona montanhosa do município.

Logo ficou constada ^{ta} que às terras montanhosas, de de ótimas qualidades, juntava-se a amenidade do clima para a pro-

dução dos melhores cafés, de "boa bebida" como se classificava na praça exportadora de Santos. E assim foi toda a Serra de Cabras conquistada pelos cafesais novos na formação da nova riqueza campinense, capaz de mais enriquecer os ~~os~~ antigos senhores de engenho e seus descendentes já na juventude familiarizados com o novo "ou-ro-verde", o café.

Se na indústria açucareira o preparo do produto ~~ex~~ exigia a moenda para extrair o caldo da cana, o banguê, ou montagem de barro e tijolos para ferver o caldo ou garapa de cana que, resfriada ~~o~~ fazia o açúcar e no alambique a pinga, o preparo do café exigiu maior aparelhagem como o terreiro para a secagem, os tanques de separação pelo estado de amadurecimento, o descascamento que primitivamente se fazia a patas de bois com o café espalhado no chão, depois em um cocho circular sobre o qual corria pesada roda massiça guiada por um eixo central movido por animal de tiro, mais tarde substituído por maquinismos apropriados cuja fabricação se iniciou em Campinas e passou a atender não só os fazendeiros desta região como a de outros municípios que se foram formando pelo interior da província, passando a constituir vigorosa indústria de máquinas nesta especialização.

Surgiram então as indústrias manufatureiras: de máquinas agrícolas e de chapéus, dos Irmãos Bierrenbach em 1857; fundição e mecânica de Luís Faber em 1858; com o modesto nome de olaria e propriedade de Antônio Carlos de Sampaio Peixoto, o Sampaio, em 1867, de fabricação de tijolos, tubos, etc. e de peças para carros e material de ferro, com tão boa organização que impressionou o Imperador Dom Pedro II e fez-o conceder o título de "Imperial Olaria", podendo usar em seus documentos as armas imperiais.

Consolidada a indústria e ativado o comércio que se libertou da tutela de Rio de Janeiro e São Paulo, destacou-se Campinas em importações volumosas diretas da Europa, sem interferência de praças maiores, o que a fez um centro comercial de distribuição para grande parte das províncias de São Paulo e Minas Gerais. Os artigos de luxo eram tão negociados em Campinas, que famílias de

Marcando a data de hoje, sentimos resurgir em São Paulo a prática de seguir na defesa do patrimônio que enriquece e eleva Campinas, com a arte e a história, num acervo a ser marcado pelo Conselho que se instala valorizando peças e realizações, catalogando a riqueza natural e a produção humana que integram a vida

São Paulo para compor enxoval de alguma filha noiva, vinham a Campinas em busca de seu comércio.

Em toda esta atividade econômica tiveram as estradas de ferro participação; e se deixarmos a história vivida, podemos contemplar o que ela legou a Campinas de arte e história, duas divisões que se fazem num acúmulo de valores: a ~~arte divina~~ a arte divina expressa em riquezas naturais e a arte humana, obra de talentos que se elevam e se destacam na convivência ^{do homem} humana. A arte é um reflexo da vida social: esmerada, nobre e original, corresponde à maturidade de uma raça.

Seria demasiadamente logo lembrar os múltiplos ramos em que se fraciona a arte quando ela domina em variadas formas com a base sólida de não ser "possível "estar dentro da civilização e fora da arte" pois a "faculdade de sentir, admirar e gozar o belo, existe virtualmente em todas as almas" e terá de ser "uma réstea de luz que o luxo" reproduza "de prisma em prisma nos paços sumptuosos do argentário, mas que "penetre e acaricie " com toda a doçura da sua claridade, a casa sóbria do homem do trabalho".

Nas artes tem Campinas manancial rico a ser preservado: os retratistas pintores que, antes da fotografia se comercializar, cumpriam a missão de perpetuar a óleo, guache e outros elementos, retratos de deveriam perpetuar personagens de valor público ou sentimental, compondo ~~ing~~ hoje um acervo valioso sob guarda de instituições públicas e particulares e do afeto ~~f~~ de famílias que os conservam com carinho.

A passagem de pintores retratistas e paisagistas do século passado, deixou aqui coleção preciosa e volumosa que se deve a Hércules Florence, Barandier, Scolá, Fernando Pierrek, Júlio Ohmstron, Eugênio Papf, Oscar Pereira da Silva, Fragoso, Sampaio

leção estática de antiguidades, mas uma evolução de vida, de valores, de utilidades, de usos, costumes e estilos; de arte e cultura como enciclopédia que se consulte, como um acervo que se reveja buscando novas realizações em repetido progresso que tem marcado a terra campinense. A cultura geral não se vale apenas do caminho ascensional, busca um alicerce do que já se fez, vale-se do passado, pode-se fundar no pretérito, pode abeberar na inteligência de nossos avós usufruindo do patrimônio do que foi feito anteriormente e, em Campinas vem esta mestra agora em favor de um patrimônio histórico, mas também "artístico, arquitetônico, arqueológico, documental e ambiental" numa preciosa amplidão para um trabalho enriquecedor das realizações de um dos órgãos de elevado valor na vida administrativa da cidade.

Do setecentismo Campinas ainda possui valiosas sedes de engenhos, veneráveis construções a pedir carinho e conservação; na fazenda Chapadão ~~XXXXXXXXXXXX~~ permanecem erectas e solenes as quatro faces do solar quadrilongo que contemplou a introdução da primeira indústria açucareira em Campinas, na última década do setecentismo; na fazenda hoje chamada Santa Rita do Mato Dentro, examinamos e levantamos a planta da curiosa sede setecentista residencial do engenho montado em vastíssima seamaria. Sua velha sede é constituída de três corpos, o central com dois pisos ou andares, ladeado por dois andares térreos; o do centro, no seu andar térreo se destinava em seu grande salão, às refeições e convívio diário tendo em um de seus cantos, próximo a porta principal, uma curiosa, larga e bonita escada circular que levava ao andar superior, uma grande salão, talvez de festas, com aberturas para dois lados, frente e fundos, salão que poderia também ter divisões que não deixaram vestígios indicativos. Os dois corpos laterais, térreos, um se destinava a cômodos de serviço, copa, cosinha, despensa ou depósito de gêneros, dormitórios de escravos a serviço da família. O outro lanceo térreo se dividia em quatro quartos e um corredor.

É de 1806 a sede do engenho do Mato Dentro construída pelo Tenente Coronel Joaquim Aranha Barreto de Camargo que ora ~~XXXXXXXXXXXX~~

se tornou a sede do parque ecológico criado em boa hora pelo Sr. Governador do Estado.

Para avaliarmos a ação do fundador do engenho do Mato Dentro, é útil ^{relembrar} como as nações colonizadoras da América do Sul, orientaram suas conquistas; a Espanha no poderio militar altamente coadjuvado pela doutrinação católica da Companhia de Jesus, ^{que} estabeleceu suas missões de instrução a indígenas, assegurando ^{ainda} ~~também~~ o domínio territorial, cuja destruição atribuída a paulistas sob censura, nada mais era que conquista territorial ^{to} entre as duas nações ibéricas da Europa. Portugal valeu-se de seu poderio firmado na vasta orla ^{do} Atlântico com extensão pelo interior, consolidando sua jurisdição agigantada pela ação dos bandeirantes paulistas que, para Portugal, firmaram o domínio até a vizinhança dos Andes, ^{enquanto a mãe pátria} zelava pela costa do Brasil, imensa e fácil presa da cubiça estrangeira. Então cidades litoraneas se tornaram sedes de governos militares como a vila de Santos com seu comandante militar de maior autoridade abrangendo todo litoral paulista, de Ubatuba a Iguape e Cananeia, com outros governadores militares submetidos ao governo geral de Santos.

E os militares vindos nesta ^{qualidade} da metrópole portuguesa, iniciavam aqui famílias militares, já que seus filhos ~~se~~ eram, em idade juvenil, inscritos nos quadros militares do país, como houve em Santos com os Aranhas e em Iguape com o primeiro também vindo de Braga, de onde originava o primeiro que historiamos como ~~XXXXXXXXXX~~ militar da praça de Santos, Alexandre Barreto Aranha nascido em 1679, cujo filho, Francisco Aranha Barreto, nascido em Santos seguiu a carreira paterna até chegar a comandante militar da Praça de Santos, com honrosa folha de serviços, casado em São Paulo pelos anos de 1759, na igreja do convento da Luz com Mônica Maria de Camargo, dos célebres Camargos tão conhecidos da província de São Paulo. Seu filho, ^{Tenente Coronel Joaquim Aranha Barreto de Camargo} também militar, destacado para comando na comarca de Curitiba, em Castro, aí adquiriu terras fundando a fazenda Taquara com milhares de reprodutoras muares e vacuns que lhe davam produtos para concorrer à feira de Sorocaba, célebre abastece-

dora de animais para transportes, os únicos da época ainda carentes de estradas de rodagem. Casado com Eufrosina Matilde da Silva Botelho na igreja de Santo Antônio da cidade de São Paulo em 1796, foi pai de uma filha e dois filhos nascidos todos na fazenda Taquara já referida. Pelos anos de 1806 adquiriu grande gleba de terras em Campinas fundando Engenho de açúcar do Mato Dentro que ora se transforma em reserva ecológica. Nela, para sua sede, construiu vasta casa-solar cuja planta levantamos para publicar, casa que na parte residencial mede de frente mais de dezessete metros e de fundos mais de quarenta e oito metros, só para uso pessoal da família, enquanto os cômodos de serviço, cozinha, depósitos e acomodações de escravos para serviço doméstico, consta de lanço construído lateralmente à casa grande, com piso inferior e a ela ligado por pequena escada interna. E construiu sua casa urbana no largo da então Matriz Nova, hoje Catedral, esquina da rua hoje avenida Francisco Glicério, casa então a maior casa térrea da vila de Campinas. Estas duas vastíssimas casas foram feitas para abrigar na ocasião, o proprietário, sua esposa, uma filha e dois filhos que constituíram a família Aranha de Camargo, mas, após, serviu para o lar da família Sousa Aranha constituída de Francisco Egídio, sua esposa a futura Viscondessa de Campinas, e seus onze filhos.

O Engenho do Mato Dentro quando propriedade da Viscondessa de Campinas que o herdou do pai, e de seu marido, desmembrou-se em mais duas fazendas de café, a Lapa herdada por Petronilha Egídio casada com Francisco Inácio do Amaral Lapa, e ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ cuja sede abriga a Sociedade Hípica de Campinas, e o Mato Dentro de Baixo herdado por Maria Brandina casada com Álvaro Xavier de Camargo e Silva, mudado o nome pelo neto deste casal para Vila Brandina criadora e produtora de leite.

E para não me estender demasiadamente, posso citar com rapidez outros solares canavieiros setecentistas ou do início do oitocentismo, ainda existentes: na região de Cabras, o antigo engenho de Nossa Senhora da Conceição do Sertão com planta curiosa e alguma modernização, o único engenho da região já que sendo ela montanhosa não se indicava para a cultura de cana; mas rio abaixo

